



DOSSIÊ

Analisando processos de formação de tutoria em questões de gênero e diversidade na escola nos cursos “Gênero e Diversidade na Escola” da UFSC

Marie-Anne Stival Pereira e Leal LOZANO, *Universidade Federal de Santa Catarina*
Miriam Pillar GROSSI, *Universidade Federal de Santa Catarina*

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) realizou práticas de ação afirmativas ao ter ofertado cursos de formação que trabalharam temáticas de gênero e diversidade étnico-racial com o objetivo de formar profissionais da educação em temáticas de gênero, diversidades, sexualidades, orientação sexual, relações étnico-raciais, preconceitos e deficiências – iniciativa que também buscou realizar inclusão de estudantes e profissionais ao mesmo tempo em que procurava reduzir questões relacionadas ao preconceito e às desigualdades sociais no âmbito do universo acadêmico. Este artigo analisa a implementação de algumas dessas práticas adotadas pela universidade, centrando-se na análise de características da construção de saberes e na trajetória de formação acadêmica e profissional das equipes de tutoria envolvidas nas ofertas do curso Gênero e Diversidade na Escola (GDE) entre 2009 e 2016. O objetivo geral deste estudo é investigar como os processos de formação de tutoria e as práticas desenvolvidas ao longo do GDE foram sendo desenvolvidos nas equipes envolvidas em suas três edições realizadas na UFSC, contribuindo para a formação de futuros/as professores/as capazes de dialogar com as transformações que os estudos feministas, queer e das questões étnico-raciais no país buscam fomentar.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero e Diversidade na Escola. Formação de professoras/es. Estudos de gênero. Políticas públicas de gênero e diversidade.



Introdução

O objetivo geral deste estudo é demonstrar como práticas de ações afirmativas focadas em questões de gênero, raça e diversidades contribuíram para o desenvolvimento da formação das equipes de tutorias envolvidas nas diferentes ofertas do curso EAD GDE – Gênero e Diversidade na Escola, fomentando futuros/as professores/as capazes de dialogar com as transformações proposta pelos estudos feministas, queer e das questões étnico-raciais. Para tanto, foram realizadas investigações nos documentos físicos (relatórios de atividades das equipes e relatórios de curso encaminhados ao Ministério da Educação) e registros virtuais (nos e-mails e na plataforma MOODLE, utilizada no curso) para buscar recuperar a história e analisar os processos de formação, a participação e a posterior trajetória acadêmica/profissional das equipes de tutoria, apoio e secretaria envolvidas nas três edições do curso de aperfeiçoamento e especialização GDE, promovido pelo IEG/UFSC entre 2008 e 2016.

Ações afirmativas podem fomentar transformações na sociedade para as próximas décadas no que se refere à valorização das políticas educacionais para a diversidade e as questões de gênero (MAGRINI, LOZANO e GROSSI, 2015). A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) realizou práticas de ações afirmativas ao ofertar cursos de formação que trabalharam temáticas de gênero e diversidade étnico-racial, assim como ao ofertar cotas para alunas/os negras/os, indígenas, e para estudantes oriundos das escolas públicas (UFSC, 2014). A universidade adota ainda a política de nome social para alunas/os e servidoras/es travestis, transexuais e transgêneras, que podem utilizar seu nome social em todos os registros, documentos e atos da vida acadêmica (UFSC, 2015).

O presente artigo centra-se na análise de uma política de ação afirmativa implementada na UFSC: o curso Gênero e Diversidade na Escola (GDE), ofertado pelo Instituto de Estudos de Gênero (IEG) entre 2008 e 2016 em diferentes edições e formatos. Especificamente, o foco deste estudo consiste da construção de saberes e da trajetória de formação acadêmica e profissional de suas equipes de tutoria envolvidas, que também são profissionais da educação.

Este artigo recupera parte de nossas vivências como pesquisadoras vinculadas ao PPGICH/UFSC, GDE/UFSC e ao IEG/UFSC: Marie Leal desde meados de 2013 até final de 2016, quando



realizou doutorado ao mesmo tempo em que participou da coordenação de ambiente de ensino virtual e da secretaria do curso GDE, como bolsista de pesquisa; e Miriam Grossi na coordenação geral das três edições do GDE na UFSC. Ao longo de nossa atuação na coordenadoria geral e na coordenadoria de ambiente virtual, relacionamo-nos com as equipes envolvidas, assim como participamos de diferentes etapas e reuniões de construção e execução do curso, tendo também registros de diversas etapas do curso através do e-mail utilizado para comunicação relativa a este.

Analisando sobre como se deu a articulação entre teoria e prática ao longo do GDE, Miriam Pillar Grossi, Mareli Graupe e Olga Garcia (2014) acreditam que não basta ser um/a pesquisador/a treinado/a no campo dos estudos do gênero e das relações étnico-raciais para incorporar em sua prática pedagógica tais questões, demonstrando que um dos grandes desafios enfrentados pela formação da equipe GDE é justamente traduzir os modelos teóricos em propostas de pesquisas de intervenção prática. Procurando desenvolver uma reflexão teórica mais aprofundada nesse sentido, nos tópicos a seguir explicamos como foi realizada esta investigação sobre essas experiências de formação em gênero e diversidades desenvolvidas pela UFSC nos últimos 15 anos por intermédio do IEG, para em seguida trazer alguns resultados preliminares sobre tais processos.

1. O GDE e as políticas de formação em gênero e diversidade

Helena Costa de Freitas (2007) acredita que a política de formação de professoras/es deve incluir transformações nas bases da educação escolar, buscando, então, a possibilidade de se criar uma nova educação, mais orientada para as necessidades sociais de formação da infância e juventude nos tempos atuais. As propostas dos cursos GDE, centro de análise deste artigo, buscam articular tais discussões e orientar formadores/as educacionais em temáticas sociais importantes, possibilitando alterações no panorama de ensino e uma educação mais equitativa, mais inclusiva, menos preconceituosa, anti-homofóbica, antilesbofóbica, antitransfóbica, antissexista e antirracista. Sendo o GDE uma política de formação de professoras/es, o curso também se preocupou com a formação de suas equipes, compostas em sua maioria por mestrandas e doutorandas, que também construam sua trajetória



dentro da universidade para se tornarem futuras/os professoras/es e pesquisadoras/es.

1.1 Um histórico do GDE na UFSC

De acordo com o site oficial do GDE¹ a UFSC, o objetivo principal do curso se centrou em oferecer aos/às profissionais da rede pública de Educação Básica conhecimentos acerca da promoção, do respeito e da valorização da diversidade étnico-racial, de orientação sexual e identidade de gênero, colaborando para o enfrentamento à violência sexista, étnico-racial e homofóbica no âmbito das escolas. Dessa maneira, buscou fornecer elementos para transformar as práticas de ensino, desconstruir preconceitos e romper o ciclo de sua reprodução pela/na escola.

O curso GDE foi inicialmente um projeto proposto pela parceria da Secretaria de Políticas para Mulheres (SPM) da Presidência da República com o Centro Latino-Americano de Estudos da Sexualidade (CLAM) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) em edital da SECAD/MEC em 2005, ministrado como projeto-piloto naquela universidade a partir de 2006 e posteriormente em outras instituições federais de ensino por todo o país. Promovendo a discussão de temáticas de gênero, sexualidades, diversidades, raciais e étnicas na formação de professoras/es, o curso foi sendo replicado também em diversas modalidades de oferta: extensão, graduação, aperfeiçoamento e pós-graduação (MINELLA e CABRAL, 2009).

Na UFSC o curso foi ofertado em três diferentes ocasiões (2009, 2012 e 2015) e em dois diferentes formatos (extensão e especialização), sob a coordenação do Instituto de Estudos de Gênero (IEG) da UFSC e envolvendo profissionais e estudantes de graduação e de pós-graduação de diferentes áreas em suas diferentes equipes. A primeira edição do curso ocorreu no primeiro semestre de 2009 em caráter de aperfeiçoamento, atendendo a 10 polos de ensino em Santa Catarina. Ao final desse projeto, as tutorias envolvidas foram convidadas a produzir, juntamente com professoras/es responsáveis pelos polos no curso, artigos teóricos sobre as vivências experimentadas, dando origem, então, a uma publicação posterior sobre o desenvolvimento do projeto (GROSSI et alii, 2014).

¹ Veja em: < <https://uab.ufsc.br/generoediversidadenaescola/sobre>>.



A segunda edição do GDE da UFSC, novamente em caráter de aperfeiçoamento, foi ofertada em cinco polos, entre outubro de 2012 e junho de 2013. De acordo com o Projeto Pedagógico do curso (GDE, 2014), o aspecto fundamental que norteou essa edição foi oferecer a profissionais da rede de Educação, agentes de políticas públicas para mulheres, grupos marginalizados e ativistas de movimentos sociais conhecimentos acerca da promoção, do respeito e da valorização da diversidade étnico-racial, de orientação sexual, identidade de gênero e questões relativas à deficiência, colaborando para o enfrentamento da violência sexista, étnico-racial e homofóbica no âmbito das escolas. O objetivo central do curso foi instrumentalizar tais profissionais com as atitudes e os comportamentos que envolvam as relações de gênero e étnico-raciais, além das questões sobre sexualidade no cotidiano da escola.

Tendo o curso iniciado com o primeiro módulo no final de outubro de 2012, o mesmo teve um recesso entre 21 de dezembro de 2012 e 21 de janeiro de 2013, no entanto solicitando às/aos tutoras/es assiduidade na plataforma MOODLE nesse ínterim. A política dos cursos EAD da UFSC é de 20 horas de atividades presenciais no próprio ambiente virtual, dentro do âmbito da universidade. A dinâmica do GDE foi diferente, pois possibilitou às tutorias a distância que pudessem realizar essas atividades desde seus domicílios, compactuando com as mesmas que não seriam monitoradas nessa responsabilidade, e que participassem ativamente das reuniões de tutoria e das atividades de formação programadas.

Entre fevereiro e março, a equipe de tutoria foi convidada e estimulada a produzir fichas de dicas para o jogo pedagógico Fuxico, sob a coordenação da professora Olga Garcia. Nessa edição foi adotado também um modelo de relatório em que as equipes de tutoria deveriam relatar, entre outras coisas, quais aprendizados haviam sido adquiridos pelo seu envolvimento com o curso – relatos que, inclusive, foram analisados para a construção deste artigo.

Um dos objetivos principais era estabelecer o compromisso com o processo de formação de todos os atores e atrizes envolvidos/as no projeto, formada em sua maioria por estudantes de graduação e pós-graduação da UFSC. A preocupação com a evasão de cursistas, o aprofundamento da formação teórica da equipe, assim como o treinamento sistemático no uso das plataformas digitais, foram os principais desafios enfrentados nessa segunda edição. Grossi, Graupe e



Garcia (2014) relembram ainda que nesta edição foram também elaborados materiais didáticos, como videoaulas, o jogo Fuxico, assim como uma obra posterior com as equipes envolvidas trazendo seus apontamentos e análises sobre o curso. Todos esses materiais são bons instrumentos para verificar os trabalhos produzidos pela equipe ali envolvida e as discussões e conceitos então levantados em tais materiais pedagógicos.

A terceira edição do GDE na UFSC foi ofertada em caráter de Especialização, entre janeiro de 2015 e dezembro de 2016, incorporando uma construção pedagógica distinta da até então realizada. Essa edição envolveu uma equipe muito maior na tutoria a distância e presencial dos cinco polos atendidos pelo curso, e realizou diferentes momentos de formação com as equipes sobre temáticas específicas que se alternavam nos diferentes módulos do curso.

Uma das principais preocupações da formação do curso centrou-se em aproximar professoras/es e membros da comunidade escolar da educação básica a reflexões e práticas relacionadas às temáticas feministas, de gênero, sexualidade e relações étnicas-raciais, até então pouco enlaçadas ao cotidiano escolar. Dessa forma, o curso proporcionou a todas essas pessoas contato com conteúdos aos quais elas tinham pouco acesso e reflexão, apesar de já estarem citados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 2003.

A coordenação do GDE em Santa Catarina adotou o material e a metodologia CLAM²; mas, como esclarecem Cabral et al (2009), optou por um modelo pedagógico não essencialmente a distância – como planejado pelo projeto-piloto do curso –, e sim incorporando encontros presenciais na sua proposta. Na primeira edição – e também na segunda –, cada polo de apoio presencial contou com um/a professor/a responsável, que supervisionava o trabalho das/os tutoras/es presenciais (dois/duas por polo) e a distância (também dois/duas por polo) e elaborava os planos de ensino dos três encontros presenciais, entre outras atividades. Todas/os as/os professoras/es possuíam doutorado com teses desenvolvidas na UFSC vinculadas a diversas instituições: Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), Universidade

2 O Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos é um centro de pesquisa vinculado ao Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que tem como objetivo produzir, sistematizar, organizar e difundir conhecimentos sobre a sexualidade na perspectiva dos direitos humanos. Para saber mais sobre o centro, acesse: <<http://www.clam.org.br>>.



Federal do Paraná (UFPR), Universidade do Contestado (UnC), Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) e Universidade do Sul do Estado de Santa Catarina (UNISUL).

Tendo, já experimentado o curso como extensão e aperfeiçoamento e incorporando parte das sugestões e comentários de participantes das experiências anteriores – produzidas através de diferentes artigos e publicações³ –, as coordenadoras e algumas professoras da turma ofertada em 2012 propuseram um projeto de especialização do curso, seguindo as indicações da SECADI – extinta secretaria do MEC que gerenciava a implementação do mesmo.

O projeto do GDE, no formato de especialização, visou não apenas contribuir com a formação em gênero e diversidades no processo de formação de docentes cursistas, mas também com o processo de formação de suas equipes de tutoras/es. O curso ocorreu durante o período de dois anos e foi ofertado em cinco diferentes cidades (Florianópolis, Concórdia, Itapema, Praia Grande e Laguna), contando com equipes de tutorias a distância e presenciais formadas por estudantes de pós-graduação, que realizavam o apoio e suporte ao longo de todo o curso. Nessa edição também foram realizados diferentes momentos de formação sobre as temáticas específicas dos diferentes módulos do curso.

As aulas foram ministradas com o apoio da plataforma MOODLE de ambiente virtual de ensino, onde eram realizados fóruns de discussão e chats, fazendo uso também de e-mails, materiais impressos, CD-Rom e encontros presenciais, que complementaram o desenho pedagógico do curso. Os encontros presenciais aconteceram em todas as edições do curso, envolvendo as tutorias relativas a cada polo e professoras/es vinculadas/os ao curso. Na segunda e na última edição, foi solicitado às equipes que, após cada encontro presencial nos polos, construíssem um relatório sobre o mesmo, possibilitando algumas observações sobre o que foi experimentado. Alguns desses relatórios estão na documentação física do GDE no IEG, os quais pudemos analisar para buscar recuperar parte das vivências ali relatadas. Ressaltamos que, se por um lado alguns relatórios foram bem elaborados, contando com construções teóricas relacionadas e detalhamento de impressões pessoais, outros foram bem

3 Grossi e Lago (2009); Minella e Cabral (2009); Zucco e Araújo (2009); Leite e Machieski (2009); Graupe e Grossi (2014); Grossi, Garcia e Graupe (2014); Guesser, Mello e Stulker (2014); Passador e Amorim (2014); Magrini, Lozano e Grossi (2014); entre outros.



sucintos, não trazendo impressões da equipe, mas algumas falas de cursistas sobre os encontros experimentados.

2. Metodologias feministas para investigar processos de formação em gênero e diversidade

De acordo com Sandra Harding (1993), os melhores estudos feministas são aqueles que transcendem seus objetos de estudo e nos quais o/a investigador/a se coloca no mesmo plano crítico que o próprio objeto. Esse movimento permite que as diferenças de raça, classe, gênero e as crenças do/a próprio/a pesquisador/a venham à tona, tornando-o/a um sujeito real, histórico, com desejos e interesses particulares e não a voz anônima, autoritária e invisível que a ciência tradicional insiste em realizar. Segundo Harding (1993), tal exercício permite que as/os investigadoras/es feministas reconheçam a influência de suas crenças e vivências culturais nos seus resultados de análise.

Para procurar descobrir os resultados na formação de gênero e diversidade nas trajetórias das equipes envolvidas a partir das práticas realizadas na UFSC, adotamos aqui a perspectiva de reflexões baseadas em leituras sobre antropologia do ensino, formação de professoras/es e estudos de gênero, feministas, étnicos-raciais e da diversidade. Após essa etapa, foram analisados documentos institucionais físicos e virtuais (formulários de inscrição, relatórios de trabalho, e-mails, atas de reunião, ofícios, entre outros) relativos ao curso GDE que tratassem sobre as equipes envolvidas nas três ofertas do curso pelo IEG. Para acompanhar a trajetória de formação acadêmica e profissional das equipes de tutoria envolvidas sobre as temáticas do curso, foram analisados os currículos das/os envolvidas/os na Plataforma *Lattes*, para verificar se deram continuidade à sua formação acadêmica, onde atuam profissionalmente, assim como os temas de pesquisa a que deram continuidade ao longo de suas trajetórias.

Na coordenação de ambiente de ensino na edição de 2015/2016, mensalmente se fazia um informe das atividades de tutoria, possibilitando um maior controle do que vinha sendo realizado e o acompanhamento diário das equipes envolvidas. Talvez essa tenha sido a edição em que a coordenação geral do curso mais se preocupou com o acesso pleno de cursistas à plataforma de ensino, assim como com o acesso e utilização frequente e integral por parte de suas equipes. Isso



permitiu que a coordenação geral avaliasse que, em alguns casos, apesar de excelentes estudantes de pós-graduação envolvidas/os com suas temáticas de pesquisa, havia aquelas/es que, como tutoras/es, ainda não haviam criado uma estratégia de atuação frequente de retorno e de envolvimento com suas turmas.

Nos relatórios produzidos pela equipe em 2013, solicitava-se o que cada um/a havia aprendido com o curso e de que forma sua atuação na tutoria teria aprimorado seus estudos na área de estudos feministas e nos estudos de gênero. Nos relatórios de 2015-2016, não houve tal preocupação, tampouco houve preocupação das equipes em desenvolver relatórios com maior detalhamento. Grande parte dos relatórios de atividades, quando existentes, registram apenas as atividades desenroladas nos encontros presenciais, algumas fotos e observações de cursistas sobre as temáticas do curso.

3. Experiências de tutoria: o que dizem as/os tutoras/es sobre suas vivências no GDE

De acordo com diversos relatórios de tutoria da segunda edição do GDE, muitas tutoras sinalizaram a dificuldade que o MOODLE apresenta pelos problemas de acesso que muitas/os cursistas alegavam a respeito. Pouco a pouco, motivados pelo compromisso e envolvimento das tutorias na resolução dessas questões, principalmente após o encontro presencial que também permitiu uma maior aproximação de cursistas e suas respectivas tutorias, muitas/os cursistas se engajaram mais efetivamente no uso do MOODLE.

As dúvidas mais frequentes de cursistas estavam relacionadas às questões práticas sobre MOODLE, trabalho final e atividades; e dúvidas sobre conteúdo e sobre como lidar com questões relacionadas à orientação sexual, identidades de gênero e “comportamentos diferentes” de alunas/os no ambiente escolar.

As tutoras aprendiam a lidar com as contingências de um ensino a distância, ao mesmo tempo em que se apropriavam de didáticas de ensino nas temáticas feministas, de gênero e de diversidade como parte do processo formativo das equipes do curso, como destacam em alguns relatórios mensais:

*Me parece que esse foi o meu maior aprendizado esse mês: o reconhecimento da **importância que alguns conceitos-chave***



têm na organização e sistematização do aprendizado para aqueles que estão tendo os primeiros contatos com a temática ensinada. (...) Junto também ao meu aprendizado a importante experiência de poder dar aula para uma turma com tantas alunas/os. (Tutora 1)

Sobre meu aprendizado pessoal, algumas questões que para nós parecem tranquilas, no sentido de entendermos como avanços democráticos, para o grupo de cursistas, inclusive aquelas/es que demonstram inclinações muito abertas e progressistas, não são tão tranquilas assim. A discussão sobre cotas criou muita polêmica na turma, e grande parte das pessoas as colocaram como antidemocráticas. A própria questão da inclusão de crianças portadoras de deficiência surgiu como polêmica também, sendo entendida muitas vezes como uma exclusão dentro da sala de aula, e sobrecarga ao grupo docente. (Tutora 2)

Foi a partir da metade do curso que os comentários nos fóruns se tornaram mais completos e abarcando discussões de diferentes temáticas. Nesse momento também houve uma mudança nas dúvidas das cursistas, que passaram a ser mais relacionadas ao conteúdo, envolvendo principalmente questões relacionadas às políticas públicas e inserção das temáticas debatidas nas escolas.

Uma das tutoras analisa em seu relatório mensal que os conteúdos dos livros e das leituras eram pouco abordados nos chats do MOODLE, onde as conversas giravam mais em torno do cotidiano das cursistas, exigindo um empenho das tutorias para conectar essas ideias:

*As conversas giram mais em torno de grandes exemplos dos cotidianos, como: **O que fazer se eu tenho uma aluna travesti? Como agir se dois alunos de cinco anos querem ficar de mãos dadas?** Neste sentido tem sido especialmente difícil fazer com que haja conversa com as leituras nas postagens do MOODLE. Sou eu quem tento puxar algumas reflexões mais teóricas ou que tento fazer um link com as leituras. **Meu maior aprendizado nesse mês foi justamente tentar fazer conversar os exemplos dados pelas/os cursistas com a teoria expressa nas leituras e aulas.** Tentar fazer as/os cursistas perceberem que o curso oferece um aparato teórico capaz de instruí-las/os a pensar e encontrar soluções para os dilemas cotidianos por si mesmos tem sido uma tarefa árdua.* (Tutora 1)



Sobre as atividades de formação nas temáticas diversas e também no uso da plataforma MOODLE, uma das tutoras a distância destaca:

As atividades de aprendizagem com este fim específico foram realizadas durante a Reunião Geral do GDE (...). No primeiro dia de atividade assisti a uma mesa-redonda sobre a temática Trans, onde algumas trans-mulheres falaram sobre suas trajetórias de vida e na escola. Foi uma atividade muito produtiva, pois foi possível perceber nas falas, das pessoas que enfrentaram diretamente o preconceito e a discriminação, o quanto a escola pode ser um local opressor. (...) Acredito que o próprio trabalho nos oferece uma possibilidade de aprendizado. Quando realizei as pesquisas para elaboração das fichas do jogo Fuxico, aprendi muito sobre todos os temas. No encontro presencial e nas discussões com os cursistas, no decorrer do curso, também foi muito produtivo no sentido de pensar a realidade do ensino básico no país. (Tutora 3)

Ao longo da segunda e terceira edições do curso, as tutoras começaram a fazer uso mais sistemático dos chats no MOODLE, propondo temas semanais para a discussão em torno de questões relacionadas às videoaulas do curso e envolvendo temas correlatos, como *guerrilha de linguagem, homofobias, lesbofobias, homossexualidades e diversidade, sexualidade e teoria da sexualidade, prevenção de HIV nas escolas, cotas raciais*, e também sobre o projeto de intervenção nas escolas como trabalho final do curso. O curso também começou a estruturar mais reuniões de formação abertas também às cursistas e à comunidade acadêmica. Algumas dessas atividades de formação não somente despertaram bastante interesse das tutoras, como também possibilitaram reflexões sobre suas práticas de ensino e sobre sua branquitude, como a formação de questões étnico-raciais, realizada nos meses finais do curso:

*Presenciei uma mesa-redonda sobre relações étnico-raciais, um momento bastante interessante. Presenciei três mulheres negras falando sobre suas trajetórias de militância e escolar. Nas falas **foi possível perceber as desigualdades e preconceitos de classes sobrepostos às relações raciais**. Se por um lado uma menina de classe média percebeu o preconceito racial tardiamente em sua trajetória escolar, por outro uma menina de periferia nem se imaginava cursando uma graduação pois a “faculdade não era lugar pra mim”. E na fala de uma “velha” militante do movimento negro **foi possível perceber como o racismo perpassa de diferentes maneiras a vida das pessoas** e o papel fundamental da*



militância nos movimentos sociais de evidenciar esse processo. Além disso, a síntese das diversas experiências no enfrentamento ao racismo. (Tutora 3)

As atribuições da tutoria presencial estavam relacionadas a fornecer apoio e suporte a cursistas tendo como obrigação também enviar e-mails, motivar e apoiar cursistas na realização das atividades de curso nos polos de ensino. Ao longo da oferta do curso, muitas/os estudantes intensificaram a demanda por apoio da tutoria presencial para conseguir acesso ao MOODLE, tendo então sido elaborado um manual de acesso por uma das tutoras do curso – que ainda assim não conseguiu reduzir as dúvidas e questionamentos sobre, mas que gradativamente contribuiu para que estudantes fossem acessando e passando a frequentar com maior assiduidade o ambiente de ensino.

Num primeiro momento é importante o papel da tutoria presencial no que se refere à permanência de cursistas na formação, tendo o cuidado em monitorar a ausência de estudantes na plataforma e entrando em contato por telefone quando essa ausência superava dez dias. A principal alegação das cursistas era a dificuldade de navegação no ambiente, o que algumas tutoras presenciais resolveram através da adoção da prática de encaminhar materiais por e-mails e colocar links das atividades também nesses contatos.

Realizar contatos é também estabelecer redes. A principal responsabilidade da tutoria presencial do curso foi estabelecer contato por telefone e via e-mail com secretarias municipais de educação e escolas públicas para divulgar o curso e conseguir novas inscrições, sendo seguida por outras atividades de ordem burocrática, como sistematização de informações, contato com a coordenação do curso e cursistas, conferência de dados e documentação destas/es.

Na segunda edição, algumas tutoras presenciais propuseram em seus polos de ensino grupos de leitura para pensar temáticas e atividades propostas pelo curso, momento em que cursistas iam até o espaço e realizavam discussões sobre os temas em questão. O engajamento das tutoras presenciais foi se ampliando à medida que o curso foi também se desenvolvendo, através dos encontros presenciais e também do próprio MOODLE – que facilitava a continuidade da discussão – fazendo as mesmas refletirem sobre suas práticas de ensino, como relatam a seguir:

A cada módulo uma nova aprendizagem, pois sempre tem cursista que faz a leitura e vem comentar comigo. Isso nos faz crescer e



ampliar nosso olhar sobre essas questões que estão presentes em nosso dia a dia e que muitas vezes erramos por não termos o conhecimento necessário para trabalhar em nosso cotidiano escolar. (Tutora 5)

Leio as postagens nos fóruns, as atividades das cursistas, assisto aos vídeos que estão disponíveis no MOODLE e os textos sugeridos pela equipe do GDE, para poder contribuir com as cursistas. (Tutora 6)

As atividades de formação de tutoria procuraram também envolver as tutoras presenciais, incorporando novas reflexões às suas práticas e aos seus lugares que ocupam na sociedade:

*As atividades de formação realizadas ao longo do curso foram muito enriquecedoras, no entanto a atividade de formação realizada no mês de março (de 2013) me tocou de forma mais profunda. Foi muito importante ouvir a fala de mulheres que passaram por experiências distantes das minhas pessoais e **entender de forma mais profunda o meu privilégio de mulher branca em uma sociedade extremamente racista e etnocêntrica.** (Tutora 4)*

Em alguns encontros presenciais nos polos, foi possível, graças à participação de mulheres trans, que muitas/os cursistas pudessem entrar em contato com a realidade desse grupo social. Em outros polos, foi a partir do momento em que se começou a trabalhar a temática da sexualidade que a tutoria presencial precisou aprofundar as leituras sobre o tema proposto:

*Todos os temas abordados no livro e na plataforma são relevantes, porém **o da sexualidade foi o que eu tive que estudar mais, pois muitos cursistas chegavam até o polo e não sabiam como expor suas ideias sobre o tema.** Não sabiam como colocar seus conhecimentos prévios sobre o assunto. O que não deveria ser assim, pois deveríamos ter bem claro qual é o nosso papel como educador. O objetivo da educação sexual na escola consiste em colocar professores com um preparo adequado e desempenhar de forma significativa seu papel, ajudando os alunos a superarem suas dúvidas, ansiedades, angústias, pois a criança chega à escola com todo tipo de falta de informação e geralmente com uma atitude negativa em relação ao sexo. Acredito que com o curso nossos professores estão mais esclarecidos e buscando se aperfeiçoar cada vez mais. (Tutora 5)*

Uma tutora relata que foi a partir de sua atuação que compreendeu a possibilidade de se engajar no apoio e resolução de dúvidas de cursistas na elaboração de seus projetos de intervenção nas



escolas. Nos relatos da tutora sobre os aprendizados do curso ao falar do encantamento das/os cursistas, de certa maneira parece também referir-se ao próprio encantamento:

Neste mês o mais interessante foi acompanhar os projetos de intervenção. Constatar o encantamento das professoras ao trabalhar as temáticas de gênero e diversidade na escola. Cada vez fica mais explícito que não é descaso sobre essas temáticas, mas sim o fato de não terem um olhar direcionado a estas questões. Na verdade temos uma postura de naturalização das questões de gênero e diversidade como resultado da concepção hegemônica de sociedade baseada em estereótipos. Lembrando que essa concepção também tem sido hegemônica na formação docente. (Tutora 7)

Pelos relatórios de tutoria observados, nota-se que o objetivo de sensibilização de tutoria foi atingido pelo curso, pois muitas/os se mostraram engajadas/os e comprometidas/os, tornando-se multiplicadoras/es das discussões realizadas.

Na terceira edição do curso, já em formato de especialização, a equipe de tutoria teve maior rotatividade, possibilitando uma quantidade maior de professoras/es orientadoras/es de TCC ao final do mesmo. Ao serem contratadas, nos trâmites das papeladas entregues na primeira reunião com a tutoria lhes era dado um formulário solicitando que registrassem em quais temáticas precisavam de melhor formação. Assim, antes de iniciar cada módulo, a coordenação organizou reuniões de formações com as diferentes equipes para trabalhar e aperfeiçoar as reflexões a respeito.

4. A trajetória de formação da tutoria no GDE em temáticas feministas, de gênero, raça, etnia e diversidades após sua atuação no curso

No total, trabalharam nas três edições do GDE 95 pessoas nas equipes de tutoria, sendo 63 destas atuando nas tutorias a distância (22 pessoas na primeira oferta do curso, 7 na segunda e 33 na última edição, já em caráter de especialização) e 32 na tutoria presencial (18 na primeira, 6 na segunda e 8 na última edição).

Como dito acima, trabalharam nas tutorias a distância do GDE, entre 2009 e 2016, 63 pessoas, sendo 52 mulheres (83%), 10 homens (16%) e 1 pessoa trans (1%). Na oferta de 2009, contou-se com 4 homens



e 18 mulheres na equipe. Na oferta de 2012, participaram 7 mulheres. E, na de especialização em 2015, fizeram parte da equipe 27 mulheres, 6 homens e 1 pessoa trans.

A grande maioria (87%) das pessoas envolvidas nas equipes de tutoria a distância do GDE/UFSC nesse período, ao trabalhar no curso, tinha formações em programas da própria UFSC, havendo ainda presença de participantes de outras Universidades: UDESC (3%) UNIR, FURB, UTFPR, UNESC e Universidad Pablo de Olavide (Espanha).

Analisando os dados registrados no Curriculum *Lattes* dessas equipes de tutoria a distância, antes do curso 1 (1,5%) tinha realizado pós-doutorado; 28 (44,5%) terminaram ou estavam cursando doutorado (29% em Ciências Humanas Interdisciplinares, 25% em Antropologia, 22% em História, 11% em Sociologia Política, 7% em Letras, Literatura e Linguística, 3% em Saúde Coletiva e 3% em Economia); 33 (52,4%) eram mestres ou mestrandas/os (20% em Antropologia, 17,15% em Psicologia, 14,3% em Educação, 14,3% em História, 14,3% em Letras, Literatura e Linguística, 2,85% em Geografia, 2,85% Serviço Social, 2,85% em Artes Visuais, 2,85% em Desenvolvimento Regional e 2,85% em Tecnologia); e 1 (1,5%) apenas contava com graduação (em Pedagogia), sendo que não foi possível encontrar dados de 2,85% dessas pessoas.

É possível perceber no Quadro 1 que, dentre as equipes de tutoria a distância, houve aumento na qualificação após a participação como tutoras/es, pela realização de pós-doutorado e doutorado.

Quadro 1: Trajetória de formação das equipes de tutoria a distância GDE 2009 - 2016

Trajetória de formação das equipes de tutoria a distância GDE 2009 - 2016								
Formação	Equipe 2009		Equipe 2012		Equipe 2015		Totais	
	2009	2020	2012	2020	2015	2020	Antes	2020
Pós Doutorado	1	3	0	4	0	2	1	10
Doutorado	8	7	3	2	14	17	25	51
Mestrado	12	3	4	1	17	14	33	51
Especialização	0	1	0	0	0	0	0	1
Graduação	1	0	0	0	0	0	1	1

Fonte: <www.lattes.cnpq.br> (2020).



Em 2020 a grande maioria dessa equipe é de pesquisadoras/es (50,8%) e professoras/es universitárias (24%), havendo ainda as/os que estão atuando como coordenadoras/es de grupos de pesquisa (17,14%), servidoras/es públicas federais (6,35%), psicólogos/as (6,35%), membros de corpos editoriais (4,8%), professoras/es de redes municipais de ensino (4,8%), membro de associações nacionais (4,8%), editores/as de publicações (3,2%), diretoras/es escolares (1,6%), relações públicas (1,6%), assistentes sociais (1,6%), coeditores (1,6%), tutoras/es de EaD (1,6%), coordenadoras/es de comitês nacionais (1,6%), analistas de serviço social o(1,6%), ativistas autônômas/os (1,6%), educadoras/es sociais (1,6%), designers educacionais (1,6%), sendo uma destas responsável pela criação e andamento de uma Associação voltada para inclusão de pessoas deficientes através do surf.

Dentre aquelas/es que são professoras/es no momento, estas/es estão atuando em diferentes universidades e instituições de ensino públicas e particulares, como UFSC, UFRN, UFT, UFGD, UFAM, UFBA, UFSS, UDESC, UEL, UNOESC, UEMS, UNEMAT, UEVA, SENAI, além da Prefeitura Municipal de Florianópolis (SC) e de outros centros de ensino, como Centro de Ensino Superior Maringá, UNICENTRO, Centro Universitário FIEO, Instituto Müller-Granzotto, Faculdade Maciço de Baturité.

As instituições a que estão vinculadas suas pesquisas são na sua maioria a própria UFSC (60%), mas também outras universidades e institutos federais (UFBA, UFPEL, UnB, UFT, UFES, UFRN, UFFS, UFMS e IFSC), estaduais (UDESC, UNOESC, UEMS, UEL), outras instituições privadas nacionais (Universidad La Salle, Centro de Ensino Superior Maringá, Centro Universitário FIEO e Ciclo de Pesquisas Literárias de Porto Alegre), além de instituições internacionais de ensino na França (Université de Toulouse, École de Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS), Estados Unidos (CUNY, University Studies Abroad Consortium, Berkeley), Alemanha (Universität Hamburg, Leibniz Center for Agricultural Landsearch), Espanha (Universidade Olavide), Portugal (Universidade de Lisboa) e Colômbia (Universidad Nacional de Bucaramanga).

Interessante observar também que 19% dessa equipe realizou ou está realizando pós-doutorado, em sua maioria, na própria UFSC (42%), mas também em outras universidades federais e estaduais nacionais (UFPEL, UNICAMP, UFES, UFRN, UDESC), e em instituições de



prestígio na França (EHESS e Université de Toulouse) e na Alemanha (Universität Hamburgo).

Já na tutoria presencial do GDE entre 2009 e 2016, atuaram 32 pessoas, sendo 28 mulheres (17 na primeira edição, 5 na segunda e 6 na última), 3 homens (um na primeira edição, um na segunda e um na última) e uma pessoa trans (na última oferta do curso). A maioria (34%) das pessoas envolvidas nas tutorias presenciais ao longo desses anos tinha como vínculo no momento do curso a UFSC, havendo ainda presença de pessoas formadas ou com vínculo na UDESC (6%), FACVEST (6%), UNIVALI (6%), UFSM (3%), UFRGS (3%), PUC-SP (3%), UNOESC (3%), UNOCHAPECÓ (3%), UNISUL (3%), UNIDAVI (3%), FAPA (3%), FACINTER (3%), FESC (3%), SINERGIA (3%), e CEPPEB (3%); assim como pessoas cursando ou com titulação em instituições internacionais (6%) no Paraguai (Universidad Autónoma de Paraguay) e Uruguai (Universidad de la Empresa). Ressaltamos aqui que houve a dificuldade em encontrar dados de formação de 6% equipe, por não identificarmos seus registros na Plataforma *Lattes*. É preciso esclarecer que as exigências relacionadas à formação da tutoria presencial se distinguiam da tutoria a distância. Para ser tutor/a presencial, exigia-se que a/o candidata/o habitasse a cidade em que estava seu polo de ensino e tivesse algum vínculo com a rede de ensino, de modo que o nível de formação acadêmico das tutorias presenciais era relativamente menor que o das tutorias a distância.

As equipes de tutoria presencial, no momento de atuação do curso, em sua maioria tinham como titulação máxima mestrado (44%) e especialização (32%), havendo ainda a participação de pessoas que cursavam ou já haviam finalizado doutorado (9%) e aquelas que contavam apenas com graduação (9%), sendo que não foram encontrados dados nos currículos de 6% desses participantes. A maioria das/os tutoras/es realizavam suas formações temáticas nas áreas da educação (67%), havendo ainda pessoas da área de História (12%), Psicologia (3%), Enfermagem (3%), Educação Física (3%), Ciências Ambientais (3%) e Teologia (3%). No Quadro 2, notamos que atualmente apenas um/a dos/as ex-tutores/as realiza ou realizou pós-doutorado, aumentando aqui também a incidência daqueles/as que buscaram aprimorar sua formação acadêmica através do doutorado e/ou realizando formações no mestrado e em especialização.



**Quadro 2: Trajetória de formação das equipes de tutoria presencial GDE
2009 - 2016**

Trajetória de formação das equipes de tutoria presencial GDE 2009 - 2016								
Formação	Equipe 2009		Equipe 2012		Equipe 2015		Totais	
	2009	2020	2012	2020	2015	2020	Antes	Atual
Pós Doutorado	0	1	0	0	0	0	0	1
Doutorado	1	5	1	2	1	4	3	11
Mestrado	6	5	1	2	7	4	14	11
Especialização	7	2	2	1	0	0	9	3
Graduação	2	0	2	1	0	0	4	1

Fonte: <www.lattes.cnpq.br> (2020).

As/Os tutoras/es presenciais do GDE continuaram atuando na área de ensino de alguma maneira, apesar de 22% destas/es não terem dados sobre seus vínculos profissionais atuais, seja porque não atualizam a plataforma (indicando que provavelmente não estejam atuando na vida acadêmica no momento) ou porque não foram encontradas/os na mesma. Algumas dessas pessoas estão atuando como professoras/es da rede municipal de diferentes regiões de Santa Catarina (25%), como professoras/es universitárias/os (16%) e pesquisadoras/es (16%), por vezes tendo mais de um vínculo profissional concomitantemente. Há ainda pessoas que no momento estão atuando como orientadoras/es e/ou assistentes pedagógicas ou educacionais (12,5%), consultoras educacionais (6%), membros de comissão ou conselho (6%), revisoras/es (3%) e editoras/es (3%) de periódico, e psicólogos (3%). Algumas poucas permanecem atuando como tutoras/es presenciais (3%) e também de ensino a distância (6%). Destacamos ainda que um dos tutores presenciais que integrou a equipe é hoje Chefe do Serviço Psicológico de Atendimento à Comunidade Acadêmica da UFSC voltado a vítimas de violência de Gênero e LGBTfobias, o que demonstra o engajamento que o curso também permitiu construir nas diferentes trajetórias das pessoas envolvidas.

As redes que relacionam as pessoas envolvidas na tutoria presencial em suas pesquisas envolvem principalmente a UFSC (50%), mas também UDESC, UFRGS e a Universidad Autónoma de Paraguay. Já dentre aquelas/es que estão atuando como professoras/es, 53% estão



vinculadas às redes municipais de ensino do estado de Santa Catarina, das universidades estaduais UDESC (6%) e UnC (6%), de instituições federais como o SENAI (6%), e das universidades ou centros de ensino privados (27%), como AVANTIS, UNIASSELVI, Faculdade São Judas Tadeu e Centro Universitário Brusque.

Considerando, então, as trajetórias de pesquisa de toda a equipe de tutoria, vemos no Quadro 3 que houve um acréscimo na formação de muitas/os das/os participantes envolvidas/os, de modo que após o GDE podemos notar que muitas/os se qualificaram principalmente nos estudos de pós-doutorado e doutorado, reduzindo a quantidade de membros da equipe que contavam apenas com mestrado, ou ainda com especialização ou apenas graduação.

Quadro 3: Trajetória de formação das equipes de tutoria a distância e presencial GDE 2009 - 2016

Trajetória de formação das equipes de tutoria a distância e presencial GDE 2009 - 2016								
Formação	Equipe 2009		Equipe 2012		Equipe 2015		Totais	
	2009	2020	2012	2020	2015	2020	Antes	Atual
Pós Doutorado	2	3	0	4	0	2	2	9
Doutorado	9	12	4	4	15	21	28	37
Mestrado	18	8	5	3	24	18	47	29
Especialização	7	3	2	1	0	0	9	4
Graduação	3	0	3	2	0	0	6	2

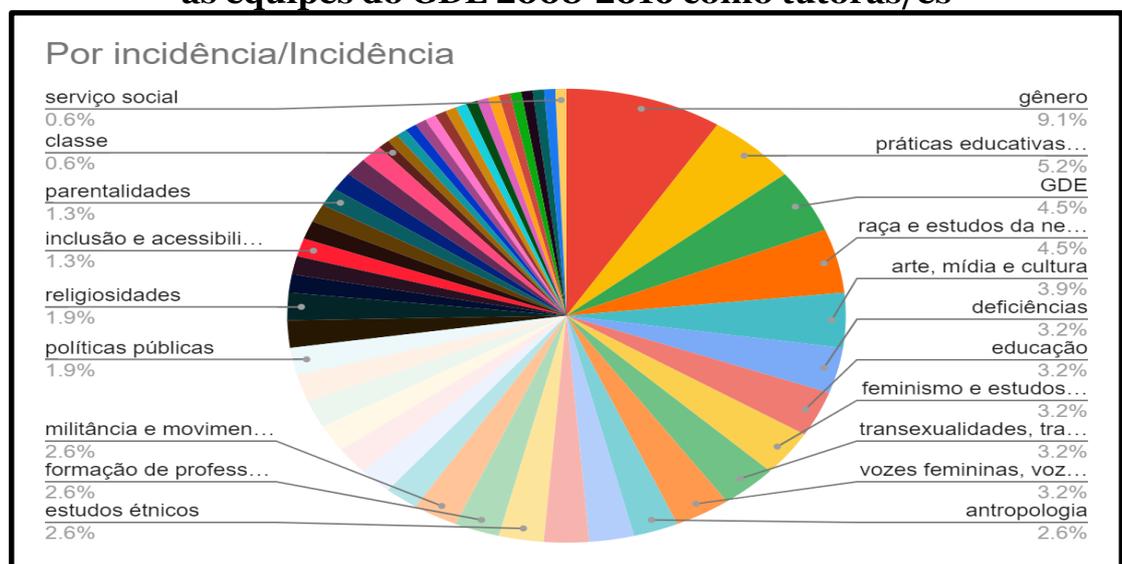
Fonte: <www.lattes.cnpq.br> (2020).

Sobre as temáticas desenvolvidas ao longo das trajetórias acadêmicas das equipes desenvolvidas, percebemos que versam sobre uma larga gama de assuntos. Na Ilustração 1, podemos perceber que ex-integrantes do GDE que estão hoje atuando como professoras e pesquisadoras pós-doutorandas e/ou com pós-doutorado, doutoras/es, doutorandas/os, mestres e mestrandas/os trabalham principalmente com a temática de gênero; arte, mídia e cultura; educação, feminismos e estudos feministas; GDE; sexualidades; raça e estudos da negritude; violência; antropologia; direitos e justiça; militância e movimentos sociais; conjugalidades, homoconjugalidades; corpo; estudos latino-americanos; formação de professoras/es; juventude; mulheres e o trabalho; práticas educativas e pedagógicas; diferenças, diversidades e desigualdades; parentalidades, homoparentalidades; parto e



maternidades; pedagogia; políticas públicas; práticas de psicologia; transexualidades, travestilidades e estudos queer; vozes femininas, vozes feministas e literatura; interseccionalidade e interdisciplinaridade; deficiências; estudos étnicos; História; identidades e subjetividades; religiosidades e territórios e fronteiras. Essas/es professoras/es e pesquisadoras/es tratam também de temas como ciência, educação infantil; ensino; oralidades; decolonidades; ditadura; EAD; homossexualidades e lésbicassexualidades; infância; migração e refugiadas/os; mulheres na política; saúde mental; editorias feministas; estudos crip; inclusão e acessibilidade; pobreza; terceira idade e estudos geracionais; classe; cotas; cuidado; empoderamento; enfermagem; esporte; etnocentrismo; família; masculinidades; memória e subjetividade; menores infratores; mulheres encarceradas; mulheres gestoras; mulheres oficiais; nome social; observação participante; pesquisa fotográfica; saúde da população trans; saúde das mulheres e serviço social.

Ilustração 1: Incidência dos temas encontrados na produção de atuais professoras/es e pesquisadoras/es pós-doutorandas/os que integraram as equipes do GDE 2008-2016 como tutoras/es



Fonte: <www.lattes.cnpq.br> (2020).

O GDE apresenta-se como um projeto focado em questões de gênero e diversidade que teve como bons resultados do investimento de sua formação em sua tutoria, promovendo a continuidade de pesquisas que versam sobre as temáticas relativas aos conteúdos tratados e também agregando prática de ensino àquelas/es que participaram de



suas equipes, visto que muitas/os destas/es tiveram progressão em suas trajetórias acadêmicas nos estudos da área.

5. Considerações Finais

Analisar as trajetórias de formação em gênero e diversidades das tutorias envolvidas nas três edições do GDE oferecidas pelo IEG na UFSC entre 2008 e 20016 nos permitiu demonstrar que o curso promoveu o aperfeiçoamento de conhecimentos nessas áreas para estudantes de pós-graduação que os replicaram em suas práticas profissionais posteriores.

Os cursos GDE oferecidos pela UFSC se centraram em estabelecer discussões e debates sobre temáticas feministas, queer e étnico-raciais, das deficiências e das diversidades, buscando articular tais discussões e orientar formadores/as educacionais em temáticas sociais importantes, incorporando práticas de ensino e de educação mais equitativas, inclusivas e menos preconceituosas. Sendo assim, o GDE formou não apenas suas/seus cursistas, professoras/es da rede estadual de ensino, mas também suas equipes de tutoria envolvidas, compostas em sua maioria por mestrandas/os e doutorandas/os, que também construíam sua formação dentro da universidade para se tornarem futuras/os professoras/es e pesquisadoras/es.

Utilizamos para este artigo análises de publicações das diferentes ofertas do curso e dos relatórios produzidos pela equipe para sua gestão interna e para o MEC. Ressaltamos que o formato sucinto dos relatórios de 2015-2016 e também a ausência de uma publicação⁴ contando a atuação das equipes envolvidas nessa edição dificultaram uma maior densidade de informações sobre o curso. O GDE na UFSC seguiu a idealização de suas coordenadoras feministas envolvidas e comprometidas com propostas pedagógicas inovadoras.

4 Diferentemente das outras edições do curso, as publicações produzidas após o término do curso não trouxeram relatos das equipes envolvidas, e sim os resultados dos banners apresentados pelas/os cursistas quando da defesa de seus trabalhos de conclusão de curso.



Referências

AMORIM, Anna Carolina Horstmann. *Relatório de Atividades de Tutoria do Curso Gênero e Diversidade na Escola - GDE/UFSC - Relatório de Dezembro/2012*. Florianópolis: IEG/UFSC, 2013.

_____. *Relatório de Atividades de Tutoria do Curso Gênero e Diversidade na Escola - GDE/UFSC - Relatório de Janeiro/2013*. Florianópolis: IEG/UFSC, 2013a.

CABRAL, Carla Giovana; MINELLA, Luzinete Simões; LAGO, Mara Coelho de Souza; GROSSI, Miriam Pillar. *Formação em Gênero e Diversidade na Escola - Relatório de avaliação pel@s tutor@s e cursistas*. Florianópolis: IEG/UFSC, 2009. 49 pgs.

CHRISTOVÃO, Silvia Regina. *Relatório de Atividades de Tutoria do Curso Gênero e Diversidade na Escola - GDE/UFSC - Relatório de Novembro/2012*. Florianópolis: IEG/UFSC, 2012.

_____. *Relatório de Atividades de Tutoria do Curso Gênero e Diversidade na Escola - GDE/UFSC - Relatório de Janeiro/2013*. Florianópolis: IEG/UFSC, 2013.

_____. *Relatório de Atividades de Tutoria do Curso Gênero e Diversidade na Escola - GDE/UFSC - Relatório de Março/2013*. Florianópolis: IEG/UFSC, 2013a.

FREITAS, Helena Costa de Lopes. A (nova) política de formação de professores: a prioridade postergada. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 28, n.100 - Especial, outubro / 2007. P. 1203 – 1230.

GDE. *Sobre Gênero e Diversidade na Escola*. Site. Disponível em: <<https://uab.ufsc.br/generoediversidadenaescola/sobre/>>. Acesso em: 27/11/2019.

_____. *Especialização Gênero e Diversidade – Projeto Pedagógico do curso*. Florianópolis: IEG/UFSC, 2014.

GRAUPE, Mareli; GARCIA, Olga; RAMOS, Carmen. *Ata de seleção das candidatas ao cargo de tutora a distância no curso GDE*. UFSC/CFH/IEG: Florianópolis, 14 de setembro de 2012.



GRAUPE, Mareli Eliane; GROSSI, Miriam Pillar. Superando obstáculos: a implementação do GDE em Santa Catarina. In: GARCIA, Olga Regina Zigelli; GROSSI, Miriam Pillar; GRAUPE, Mareli. *Desafios da formação em Gênero. Sexualidade e Diversidade étnico-raciais em Santa Catarina*. Tubarão. Copiart, 2014. p. 13 – 30.

GROSSI, Miriam Pillar; LAGO, Mara Coelho de Souza. Apresentação. In: MINELLA, Luzinete Simões; CABRAL, Carla Giovana (Org.). *Práticas pedagógicas e emancipação: Gênero e Diversidade na Escola*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009. p. 7 – 17.

GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Zigelli; GRAUPE, Mareli Eliane. A formação como foco do projeto GDE: formação da equipe pedagógica, de cursistas e de bolsistas. GARCIA, Olga Regina Zigelli; GROSSI, Miriam Pillar; GRAUPE, Mareli. *Desafios da formação em Gênero. Sexualidade e Diversidade étnico-raciais em Santa Catarina*. Tubarão. Copiart, 2014. p. 33 – 54.

GUESSER, Marivete; MELLO, Soraia Carolina; STULKER, Guilhermina. Formação de professores/as em sexualidades: contribuições teórico-metodológicas a partir da experiência do pólo de Itapema. GARCIA, Olga Regina Zigelli; GROSSI, Miriam Pillar; GRAUPE, Mareli. *Desafios da formação em Gênero. Sexualidade e Diversidade étnico-raciais em Santa Catarina*. Tubarão. Copiart, 2014. p. 101 – 122.

GUSMÃO, Neusa. Antropologia e educação: origens de um diálogo. Antropologia e educação: interfaces do ensino e da pesquisa. *Cadernos CEDES*. Nº 43. Centro de Estudos Educação e Sociedade, 1997.

HARDING, Sandra. Existe un método feminista? In: BARTRA, Eli (Org.). *Debates em torno a una metodología feminista*. México: Univesidad Nacional Autónoma de México, 1998. p.9 – 34.

LEITE, Amanda Mauricio Pereira; MACHIESKI, Elisângela da Silva. Tutoras/cursistas e cursistas/tutoras: breve relato da atuação no GDE. In: MINELLA, Luzinete Simões; CABRAL, Carla Giovana (Org.). *Práticas pedagógicas e emancipação: Gênero e Diversidade na Escola*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009. p. 269 – 280.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e poder - Diferenças e desigualdades: afinal, quem é diferente? In: LOURO, Guacira Lopes.



Gênero, Sexualidade e Educação – por uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis/RJ: Editora, Vozes, 2003. p. 37 – 56.

MAGRINI, Pedro Rosas; LOZANO, Marie-Anne Stival Pereira e Leal; GROSSI, Miriam Pillar. Experiências etnográficas em uma especialização em Gênero e Diversidade na Escola: o caso do GDE em Santa Catarina. In: *XI Reunion de Antropologia del Mercosur (XI RAM): Diálogos, prácticas y visiones antropológicas desde el sur*, 2015, Montevideo, Uruguai.

MARQUES, Gabriela Miranda. *Relatório de Atividades de Tutoria do Curso Gênero e Diversidade na Escola - GDE/UFSC - Relatório de Dezembro/2012*. Florianópolis: IEG/UFSC, 2013.

MARQUES, Gabriela Miranda. *Relatório de Atividades de Tutoria do Curso Gênero e Diversidade na Escola - GDE/UFSC - Relatório de Março/2013*. Florianópolis: IEG/UFSC, 2013a.

MELLO, Soraia Carolina. *Relatório de Atividades de Tutoria do Curso Gênero e Diversidade na Escola - GDE/UFSC - Relatório de Novembro/2012*. Florianópolis: IEG/UFSC, 2012.

MINELLA, Luzinete Simões; CABRAL, Carla Giovana. Entre olhares e lugares: uma avaliação da formação em Gênero e Diversidade na Escola por tutoras/es e cursistas. In: MINELLA, Luzinete Simões; CABRAL, Carla Giovana (Org.). *Práticas pedagógicas e emancipação: Gênero e Diversidade na Escola*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009. p. 17 – 38.

MIOTTO, Simone Fraporti. *Relatório de Atividades de Tutoria do Curso Gênero e Diversidade na Escola - GDE/UFSC - Relatório de Fevereiro e Março/2013*. Florianópolis: IEG/UFSC, 2013.

OLIVEIRA, Bianca Ferreira. *Relatório de Atividades de Tutoria do Curso Gênero e Diversidade na Escola - GDE/UFSC - Relatório de Janeiro e Fevereiro/2013*. Florianópolis: IEG/UFSC, 2013.

_____. *Relatório de Atividades de Tutoria do Curso Gênero e Diversidade na Escola - GDE/UFSC - Relatório de Março/2013*. Florianópolis: IEG/UFSC, 2013a.



PASSADOR, Luiz Henrique; FRAPORTI, Simone; AMORIM, Grazielle. A questão étnico-racial no âmbito do GDE/UFSC no Oeste de Santa Catarina - Polo do Palmitos. GARCIA, Olga Regina Zigelli; GROSSI, Miriam Pillar; GRAUPE, Mareli. *Desafios da formação em Gênero. Sexualidade e Diversidade étnico-raciais em Santa Catarina*. Tubarão. Copiart, 2014. p. 143 – 162.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, Célia Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

STUKER, Guilhermina. *Relatório de Atividades de Tutoria do Curso Gênero e Diversidade na Escola - GDE/UFSC - Relatório de Março/2013*. Florianópolis: IEG/UFSC, 2013.

UFSC. *Conheça a Política de Ações Afirmativas da UFSC*. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Pró-Reitoria de Graduação. 2014. Folder. Disponível em: <<http://prograd.ufsc.br/files/2013/10/perguntas-e-respostas-cotas-vest2014-web.pdf>>. Acesso em: 18/11/2019.

_____. *O direito a usar o nome social*. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Pró-Reitoria de Graduação. 2015. Site. Disponível em: <<https://diversifica.ufsc.br/nomesocial/>>. Acesso em: 18/11/2019.

ZUCCO, Maise; ARAÚJO, Suzana Almeida. Educação a distância: formação de tutores/as e o trabalho de tutoria. In: MINELLA, Luzinete Simões; CABRAL, Carla Giovana (Org.). *Práticas pedagógicas e emancipação: Gênero e Diversidade na Escola*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009. p.253 - 268.



Analyzing team building processes on gender and diversity issues in the 'Gender and Diversity at School' courses at UFSC

ABSTRACT: The Federal University of Santa Catarina (UFSC) carried out affirmative action practices by offering training courses that worked on themes of gender and ethnic-racial diversity with the aim of training educational professionals on themes of gender, diversity, sexuality, sexual orientation, ethnic-racial relations, prejudices and disabilities, as well as to include students and professionals while seeking to reduce issues related to prejudice and social inequalities within the academic universe. This article analyzes the implementation of some of these practices adopted by the university, focusing on the analysis of characteristics of the construction of knowledge and the trajectory of academic and professional formation of the tutoring teams involved in the offers of the "Gender and Diversity at School (GDE)" course between 2009 and 2016. The general objective of the study is to make it possible to investigate how the tutoring educational formation processes and practices developed throughout the GDE have been developed in the teams involved in its three editions held at UFSC, contributing to training and fostering future teachers capable of dialoguing with the transformations that feminist, queer and ethnic-racial studies in the country seek to foster and reflect.

KEYWORDS: Gender and Diversity at School. Educational training of teachers. Gender studies. Policies on gender and diversity.

Marie-Anne Stival Pereira e Leal LOZANO

Pós-doutoranda em Ciências Humanas Interdisciplinares pelo programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas Interdisciplinares da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGICH/UFSC), estudando políticas públicas educacionais voltadas para a redução de violência dos ambientes escolares e da formação de professores. Doutora em Ciências Humanas (2018) também no mesmo programa (PPGICH/UFSC), estudou principalmente políticas públicas de gênero.

Miriam Pillar GROSSI

Professora Titular do Programa de Pós graduação em Antropologia Social da UFSC.